

# LAÇOS DE FAMÍLIA

R U Y S A N T ' E L M O  
L A Ç O S D E F A M Í L I A



1996, Parque EXPO 98, S.A.

Laços de Família foi extraído do livro *China. País da Angústia*.

**Ilustração e Design**  
**Luís Filipe Cunha**

**Tiragem**  
**5000 exemplares**

**Composição**  
**Fotocompográfica**

**Seleção de Cor**  
**Grafiseis**

**Impressão e Acabamento**  
**Printer Portuguesa**

**Depósito Legal**  
**105 358/96**  
**ISBN**  
**972-8127-72-3**  
**Lisboa, Janeiro de 1997**

No seu tancar, exígua embarcação de tábuas toscas, onde não cabia um homem deitado ao comprido, arrojaram-se os dois nesse dia, Fong-Tai-Chac e Fong-Ngui-Chac, ao mar largo. Em geral, infiltravam-se pelo labirinto dos canais, em que se divide a foz do rio de Oeste, onde o peixe abunda, um peixe mole e salobro, alimentado pelo rico nateiro dos deltas. Mas, nesse dia, meteram-se pelo mar dentro. O seu engenho levara-os a transformar o tancar,

frágil embarcação a remos, numa embarcação à vela, suspendendo dum bambu uma esteira de olas entrelaçadas. E, manejando-as por escotas de filamentos de palmeira retorcidos, o barco corria ao fio do vento, veloz e alígero, de proa erguida.

Afeitos às lides do mar, jamais uma borrasca ou outra intempérie os surpreendeu desprevenidos. Sabendo ler os prenúncios do tempo, com larga antecedência, refugiavam-se prudentemente em porto-abrigo.

Mas, nesse dia, os dois rapazes, com vento de feição, afastaram-se mais da costa. Não estava seguro o tempo. Na embriaguez da corrida, à deriva do vento, nem repararam que o céu, para o lado do poente, começava a tingir-se duma cor de cobre em brasa, ao passo que o vento ia afrouxando. Lançaram as redes à água. O peixe afluía com uma abundância inusitada. Nunca como então fora tão pródigo

o mar! O peixe passava aos cardumes, como quem vai de fugida, e precipitava-se às cegas na rede.

Cessara por completo o vento. Os rapazes, entretidos a pescar, não deram por que a luz avermelhava, de mais em mais, dos lados do poente, e que o ar se ia tornando atabafante, rarefeito, opressivo. Lançavam as redes ao mar, e de seguida as levantavam, abarrotadas de peixe. De fugida, o peixe seguia aos cardumes, de noroeste para sudeste. Mas começou a rarear. Agora só um ou outro, tresmalhado, passava aos ziguezagues. A maré tinha subido, e a água conservara-se em preia-mar numa quietude de mar chão. De súbito, os rapazes ergueram os olhos. O mar era um plaino de lama avermelhada. No céu baço, azul-fosco, tirando a cinza, blocos de nuvens sobrepostas decompunham os raios frouxos do poente em irradiações espectrais dum tom alaranjado.

Não bolia a mais leve aragem. O ar era soturno... soturno...

— Tufão...!?

Ao longe, passavam embarcações apoadas a terra, picando os remos com força. Não havia ponta de vento. Treinados na lide do mar, os rapazes colheram as redes num pronto, viraram por vante, e fizeram-se com rumo a terra. O Sol encobrira-se, afogado em nuvens. E toda a gama, vermelho-laranja, da luz, desbotara para uma cor de cinza, azul-cinza. Entretanto o ar era cada vez mais quente, atabafante, opressivo. Sente-se que a pressão aumenta de mais em mais, e tende a explodir. Anda no ar uma praga de insectos miúdos que vêm não se sabe de onde, em voejos escarmentados. Não havia ponta de vento; e, no entanto, o mar começava a agitar-se, nervoso, inquieto. E vai crescendo de mais em mais. Engrossa e acarneira, e ondula em on-

dulações desencontradas. Nisto, uma lufada de vento frio sopra do quadrante de proa, em rabo de vírgula, descrevendo uma curva para estibordo. Formava-se perto o tufão. Os rapazes bolinaram no fio do vento, navegando de capa. Há uma nevoeira incoercível cor de zinco que lhes tolda a vista, e uns rumores indistintos, que se não sabe que sejam, numa zoeira surda e difusa.

Estavam com terra à vista. Como a sua, outras embarcações havia perto.

De vez em vez, lufadas de vento se levantam, cada vez mais fortes, passando por vante, desviando-os do rumo. Os rapazes colheram a vela, e puseram-se a remar com desespero. O mar sobe, na fúria da vaga, acima das embarcações. Há gritos, berros, uivos... Pavor, aflição, desespero! O vento insinua-se entre mar e terra, e afasta-os da costa. Rabanadas de vento levam as embarca-



ções de escantilhão para o largo. Vagalhões estalam como petardos no costado das lorchas, e sobem em volutas franjadas de espuma acima do convés. Às vezes, as embarcações andam em jangada, e arrastam para o largo uma ou outra, que desaparece entre vagas. O momento é desesperado. As lufadas de vento aumentam de intensidade. São cada vez mais duradoiras, e parecem apostadas em levar tudo na frente, de rota abatida. Passam como uma rasoira sobre as árvores das encostas, cortando-lhes as ramadas cerce, desventrando raízes de troncos seculares, dobrando caules flexíveis de tenros arbustos, pegando em blocos de pedras colossais, e projectando-os pelo ar à distância... — derruindo, devastando, arrasando!

Do mar para terra e de terra para o mar, as lufadas iam e vinham, no seu duplo movimento de rotação e translação, torcicolando,

sinuosando, girando doidamente, em espiral. Quando se lançam ao mar nada as detém na corrida. O vento adquire então uma velocidade vertiginosa, espreado-se amplamente no espaço livre, soprando a violência destruidora da sua raiva, numa zoadá confusa, onde tumultuam todas as forças indomáveis da Natureza em desordem.

Ele era um desgraçado. O mais desgraçado que se pode ser na vida: — não tinha família. Quando deu por si no mundo, encontrou-se a bordo dum tancar, ao lado duma velha repelente, calva e desdentada, seca como um graveto, pele encorreada e franzida, tisonada pelo ar marinho. Não tinha família; não tinha ninguém. A embarcação em que se encontrou era a sua única habitação. Dias e anos se passavam sem que pusesse o pé em terra. Duran-

te o dia, ficavam longe das costas, surtos no meio do mar. De noite, remavam à socapa pelo labirinto do delta, e esperavam a abordagem doutros barcos.

Ia então pelos dez anos. Desta fase da sua vida conservava apenas vagas reminiscências. A sua memória não reproduzia com minuciosidade episódios seguidos. Evocava apenas manchas, fragmentos, factos isolados, surdindo do seio tenebroso da noite, duma massa escura, húmida e quente de névoa. Luzes de lanternas, pontos luminosos, lucilar ténue de farolim... Então, deixavam de remar. O tancar ficava a balouçar-se, à mercê da ondulação lenta da água. E um momento angustioso se seguia. Não se tugia palavra, não se fazia um gesto, para evitar rumores. Logo que tossisse ou espirrasse, a velha chegava-se a ele, com os punhos fechados à altura dos olhos, as arnelas dos dentes à mostra, ameaçando de o

estrangular. A ondulação lenta da água dava ao tancar embalos de berço. E o «chlap-chlap» da água, quebrando no costado a tremulina murmurante da sua lenta ondulação, numa cadência monótona de melopeia, provocava-lhe um sono irresistível. Bem que pelo dia todo, surto no mar, longe da costa, pudesse dormir à vontade; mas, aquela espera interminável, a vigília a que era obrigado numa imobilidade contrafeita, o relento escuro da noite, fazia-o cair em modorra, prostrando-o numa lassidão a que não havia resistir.

Era esta uma das recordações mais vivas da sua infância.

Manchas de luz amarelada, desfeitas na neblina, aproximavam-se do tancar. Eram juncos costeiros. Logo que se encontrassem à fala, trocavam palavras que ele não compreendia. As lanternas, alimentadas a óleo de colza, apagavam-se. Seguia-se depois uma fer-

vilhada de rumores, falas misteriosas... O tancar enchia-se de crianças, entre três e cinco anos, esfarrapadas, quase nuas. Deitavam-nas sobre uma esteira debaixo da tolda. Umas nem davam pela remoção; outras, resmungavam, olhos empapados de sono, e ficavam-se a dormir. O tancar fazia-se ao largo. Com a esquerda, a velha pegava no timão, e com a direita dava rumo ao barco, aflorando a água com a pá do remo. Então, aprofados ao rumo, era preciso remar com força, deslocando o barco pesado. Seus braços tenros, ainda por conformar, logo se cansavam. Mas a velha incitava-o a remar, com pragas e injúrias, e ameaçava de o vender aos piratas.

Costumada a ver a distância, a velha punha de vez em quando a mão em pala sobre os olhos. Nunca ele descortinou na fumaça de névoa escura, que fechava o horizonte, qualquer coisa de anormal que lhe chamasse a

atenção. Mas a velha tinha uns olhos pequeninos, sumidos entre papulosidades refrançadas das suas palpebras oblíquas, que perscrutavam o insondável. E tomavam novo rumo.

Uma nódoa escura começava a desenhar-se no seio da névoa. Já a madrugada dava à massa parada e soturna do nevoeiro um tom alambreado. A nódoa escura alastrava, de mais em mais, assumia proporções colossais dum fantasma aéreo. De súbito, definia-se no espaço a vela negra duma lorcha. Então começava de novo um movimento atrafegado. As crianças eram transportadas em braços, uma a uma, do tancar para a lorcha. Removida a última, desamarravam as escotas, fixavam as aletas e alavam a bolina ao rumo da aragem. Os remos guinchavam nas forquetas, e a lorcha rodava lenta, rangendo nas juntas.

O Sol não tardava a romper serenamente, palhetando de escamas fugidias de nácar a água barrenta do delta.

A velha recolhia-se à tolda, acocorava-se a um canto, enconchada como bicho de conta, e punha-se a contar dinheiro. Contava e recontava. Contava e praguejava, mirando e remirando moedas de prata, produto do tráfico torpe. E a resmungar entre dentes, arrecadava o dinheiro na escotilha dissimulada do tancar.

Preparava a linha de pesca e entregava-a ao rapaz. Depois, enrodilhava-se como um novelo sobre a esteira, debaixo da tolda, e dormia profundamente.

Era um desgraçado. O mais desgraçado que se pode ser na vida: — não tinha família. Não tinha ninguém.

Enquanto a velha dormia resfolgadamente, o rapaz ficava a pescar. Mas horas se passavam às vezes, umas atrás doutras, sem que o

peixe picasse na isca. O rapaz recostava-se na amurada do tancar, fixando vagamente a dança das pepitas de ouro, tremeluzindo na água barrenta, parada e mole do canal. A solidão apezinhante da água morta, a monotonia da luz glutinosa, cor de lama, o resfolegar lento da velha, davam-lhe uma quebreira que o entorpecia, fazendo-o cair numa irresistível sonolência. Mas logo acordava, estremunhado. A primeira impressão era de espanto. Abria os olhos, num esforço à sobreposse, e procurava a velha. A velha continuava a dormir, ruidosamente. E tudo o mais era silêncio... Ao longe, uma ou outra embarcação, surta ao largo, aguardava paciente que o peixe entrasse nas redes.

Lorchas mandarinas, de alto castelo de proa, esperavam vento fagueiro para continuar a derrota. Um silêncio morto sepultava as coisas. A água era uma planura monótona



de lama. Nem um leve adejo de brisa ligeira na viração. Tudo era imóvel, duma imobilidade tórpida de pântano. As velas negras, em forma de asa, eram silhuetas de rapaces colossais pairando... No abrir e fechar irresistível das pálpebras sonolentas, as manchas negras das embarcações deixavam-lhe na retina imagens desconformes, fantasmas de penumbra. Uma sensação de isolamento, de abandono, o invadia, perdido naquele deserto mudo, onde as embarcações ao longe, isoladas umas das outras, tomavam expressões hostis de espiões. Um dia, ao acordar, deu por falta da linha de pesca. Caíra-lhe da mão enquanto dormia. E ficou transido de medo. Procurou por todos os lados, perscrutou a água imóvel. A linha não aparecia. O rapaz quedou-se, lesado. No seu olhar atônito havia previsões pânicas de catástrofes. A figura da velha ergueu-se-lhe na imaginação, na atitude de o castigar,

calva e desdentada, olhos fulmíneos, farripas de cabelo ao léu!

Atravessou-lhe a cabeça a ideia de se deitar à água, de se afogar. Mas a velha não se movia. Enrodilhada a um canto da tolda, enconchada como um bicho de conta, a velha estava morta...

Depois que a velha morreu, o rapaz começou a passar de embarcação em embarcação, consoante as necessidades de momento, como um utensílio. Ninguém o conhecia, e ele não conhecia ninguém. Era o servo da velha Pong. Fazia parte dessa população flutuante, que não tem habitação em terra. A sua única habitação é o barco em que nasceram, e em que virão a morrer. É na embarcação, pequena ou grande, sampana, tancar ou lorcha, que ocorrem todos os factos da sua vida.

Aí têm o santuário da família, a tabuleta dos antepassados; aí prestam culto aos ancestrais. Aí celebram as cerimónias do casamento; aí nascem, aí morrem.

No primeiro dia de cada quinzena rendem homenagem aos manes dos navegantes, propiciam os espíritos tutelares da gente de mar. Nas festas do ano novo, os barcos revestem-se de gala, sejam pequenos ou grandes, embandeiram em arco, afestoam-se de papéis de cor. Junto da costa, amainam as velas, suspendem a faina, cingem-se uns aos outros. Mastros, de todos os tamanhos, erguem-se no ar, numa esbelteza de caules esguios, despidos de folhagem. É uma floresta aérea, onde se prendem as teias de aranha do cordame feitas a traços de pincel levíssimo, no fundo aguarela do céu, que tem nos poentes transparências de vitral, amarelo como ambar, vermelho como rubi.

Uma população marinha pulula, naquela cidade flutuante, tisonada do ar salino, bulhenta e pequenina: — as mulheres de lenços atremochados ao queixo, todas de negro, os filhos ligados às costas; os homens secos, musculosos, de cuecas de dois palmos e torso nu, cor de abóbora, cor de carne fumada.

Mas, fora crescendo, ganhando corpo. E passava de mão em mão, como um utensílio. Não tinha família, não tinha ninguém.

Um dia, a bordo duma lorcha, onde prestava serviço, encontrou outro rapaz, da mesma idade, que também não tinha família.

«Quem eram os pais? De onde tinha vindo?»

Também o não sabia. Eram ambos muito desgraçados. Não tinham família, não tinham ninguém. Um, era o servo da velha Pong, e o seu passado era feito de recordações esparsas, sem continuidade, aflitivas evocações de noites tenebrosas, gritos de crianças, aborda-

gens misteriosas, fantasmas aéreos de velas colossais, e fome, sono, sono, muito sono...

O outro, andou sempre de mão em mão, como o dinheiro. Passava duma embarcação para outra embarcação, não sabia de quem provinha, não tinha nome de família, e o seu passado era feito de angústia, fome e castigos, trabalho, muito trabalho...

Eram ambos muito desgraçados. Mas, desde que se encontraram, jamais se separaram. Procuravam empregar-se nas mesmas embarcações. Quando não os admitiam a ambos, nenhum deles se engajava isoladamente. Preferiam passar fome, preferiam morrer de fome, a separar-se um do outro. Se não encontravam trabalho remunerado, ofereciam-se de graça, ou ficavam pelas costas a pescar à linha. Suportavam com a mesma disposição de ânimo as vicissitudes da vida.

Partilhavam a abundância, e sofriam a mi-

séria com a mesma resignação. Mas eram uns desgraçados, porque não tinham família.

«Crianças raptadas aos pais e vendidas aos piratas? Vendidos pelos próprios pais? Que sabiam eles!?»

Não tinham antepassados, não tinham ninguém. Vogavam na vida como seres erradios. E então combinaram tornar-se irmãos por juramento, prestarem o juramento de irmãos.

Foram ao pagode. O bonzo certificou-se de que poderiam tornar-se irmãos.

Eles não sabiam o dia lunar do seu nascimento. Mas o bonzo consultou os espíritos. Recolheu-se em meditação, ajoelhou ante o altar de Buda, bateu vezes sem conta a cabeça contra as lajes. Extraíu-lhes uma gota de sangue do dedo polegar da mão direita, e verificando que o sangue dos dois fazia uma combinação perfeita, concluiu que podiam ser irmãos.

Escreveu o nome dos dois no papel amarelo, conforme ao ritual. Um, era o servo da velha Pong. Pois seria esse o nome comum, o nome de família. E para os distinguir um do outro ficou a chamar-se o mais velho Pong-Tai-Chac, e o mais novo Pong-Ngui-Chac.

Ante o altar, o bonzo elevou o papel amarelo entre as mãos erguidas, por três vezes, acima da cabeça. Prostrou-se de joelhos, tocou de novo com a cabeça o pavimento, vezes sem conto.

A expressão difusa de serenidade da fronte ampla de Buda traduzia aprovação às suas impetrações.

Era uma figura colossal, proporções desmarcadas, de madeira doirada. Sentado sobre a flor de loto, tinha o ombro direito descoberto em sinal de humildade.

A sua capa de mendigo, manta de *Bikshu*, cobria-lhe apenas o ombro esquerdo, deixan-

do ver impresso o sinal místico, *Swastika*, sobre o coração, que a tradição trouxe para a China do peito de *Vichnu*. De pernas cruzadas, as plantas dos pés voltavam-se inverosimilmente para cima, onde se liam as oito marcas divinas.

A mão direita erguida, lançava o gesto amplo, o gesto do semeador, pregando a doutrina.

Pivetes ardiam no queima-perfumes, espetados na cinza finíssima, aromática, de sândalo.

O bonzo ergueu-se e aproximou dos pivetes o papel amarelo.

Uma língua de fumo subiu em volutas bizarras no ar, diluindo-se, até ao invisível, na penumbra hierática do templo.

Soaram duas pancadas no disco de cobre bárbaro, suspenso por um fio.

A cerimónia estava finda. Os rapazes ver-



teram nas mãos do bonzo, uma soma de pecúnia. E ficaram irmãos para a vida e para a morte. Jamais se quebrariam os laços de solidariedade fraternal que os unia, fosse qual fosse a eventualidade em que tivesse de ser posta à prova, nos mais arriscados lances, nas incertas, fortuitas contingências do futuro. Se um precisasse da vida do outro, este não se negaria a sacrificar-lhe a vida. Dividiriam entre si o pouco e o muito, partilhariam entre si as alegrias e as tristezas. Estavam jungidos um ao outro, solidários e unidos por um indestrutível pacto de sangue.

Ligavam-nos enfim laços de família...

Estavam já próximos da costa. As embarcações, impelidas pelas rabanadas de vento, vinham juntar-se umas às outras, em jangada; mas não conseguiam varar em terra. Uma

ponta de vento insidiosa metia-se traiçoeiramente entre os barcos e a costa. Os tancares oscilam como cascas de noz. Um ou outro desgarrá da jangada e não aparece mais.

Começa a cair uma chuva grossa, em gotas que ferem como bagos de chumbo. Quando sopram as lufadas, torna-se mais fina que poeira, impelida pelo vento.

Caindo no convés, a água da chuva, junta à que os vagalhões lá despejam, pesa em demasia, e faz rasar a linha de água pela borda da embarcação. Procedem à baldeação, com todos os utensílios de que podem lançar mão; mas não dão vencimento.

O momento é desesperado. Há uma confusão formidável, fragor de peleja, luta de morte... gritos, berros, uivos! É a subversão da ordem dos elementos para um fim único de extermínio. Não é uma visão fantasmática do caos: — é o paroxismo ingente da raiva destruidora dum juízo final!

Os vagalhões sobem no ar, franjados de espuma, na fúria de acometer, e estalam como petardos no costado das lorchas. Há embarcações desmastreadas, que se desfazem em frangalhos: — farrapos de velas, pedaços de lemes, arcos de cavername, destroços de quilhas. Ninguém pensa já que pode salvar-se. Fustigados pelo vento, molhados até aos ossos, contundidos pelos choques violentos contra as amuras, sufocados pela efusão do ar, caem atordoados ou mortos. E os poucos que restam vivos, agarram-se ao que podem, num abraço de ferro, que só a morte desligará, na ânsia de salvação.

Os dois rapazes, deitados no lastro do tanque, abraçavam-se cada um à sua extremidade, formando com a embarcação uma peça só, retesados os músculos como ferro, hirtos, mudos, cegos, verde-pálidos como cadáveres. De súbito, a um embate mais forte, um deles,

Fong-Ngui-Chac foi cuspido do tancar. Iria morrer, irremediavelmente. Se o não tragassem as vagas, despedaçar-se-ia contra as embarcações.

Era preciso um auxílio. Fong-Tai-Chac despega-se do abraço de ferro que o cingia à embarcação e deita-lhe um remo. Mas, o outro não o pode agarrar. A água sacudia-o como a um cavaco.

Aparecia e desaparecia.

Vinha por vezes encavalitado no dorso das ondas, mas logo desaparecia no recôncavo das vagas.

la-se afastando de mais em mais... Num pronto, Fong-Tai-Chac arrancou um pedaço da escota, segurou-a nos dentes, e lançou-se à água. Nadador intemerato, tendo aprendido a nadar ao mesmo tempo que a andar, em duas braçadas alcança o outro, passa-lhe às mãos a escota, e arrasta-o, à sirga, segurando a outra

extremidade nos dentes. Estava salvo o seu irmão.

O tufão deslocara-se, mudara de direcção. As circunvoluções do vento, alargando o passo da espiral, eram favoráveis à posição dos barcos. Impelida por uma volta inesperada, a jangada foi empurrada para terra. Estavam a dois passos da costa. Embarcações de todos os tamanhos, lorchas, sampanas, juncos e tancarés, formavam uma mole compacta, deslocando-se como um todo. Duas lufadas mais, e os primeiros barcos vararam no lodo. Então começou uma fuga desordenada. Os dois irmãos foram os primeiros a salvar-se, saltando, lestos como gamos, para terra. Meio enterrados no lodo, surpresos, incrédulos, olharam para o mar. O seu tancar podia ainda salvar-se, bem que fosse arriscado o lance, a manobra difícil, incerto o resultado. A perda do tancar, exígua embarcação de quatro tábuas,

frágil casca de noz, era para eles uma perda considerável. E não se pouparam a esforços. Havia por ali pedaços de remos, destroços de mastros, fragmentos de cordas. Meio enterrados no lodo, encharcados de água, fustigados pela ventaneira, caindo aqui, levantando-se acolá, pegaram dum sarrafo que lhes pareceu adequado a arpoar de longe o tancar, mísera embarcação em ruína, metendo água por todas as juntas. Amparando-se um no outro, aproximaram-se do barco. A pouca distância, porém, deparara-se-lhes uma pobre mulher, uma tancareira como eles, com o filhito ligado às costas, meio enterrada no lodo. Cada esforço que ela fazia para avançar, mais se afundava ainda. Erguia os braços num apelo desesperado; mas ninguém a socorria. Os que conseguiam saltar das embarcações, punham-se em fuga, sem atentar nela. Era um salve-se quem puder! A pobre tancareira, no hor-

ror duma morte afrontosa, olhos torvos, a voz rouca, sufocada pelas efusões do vento, tentava fazer-se ouvir. Ninguém a socorria. O filhito, que ela trazia às costas, já não pia-va, encharcado de água como um pintainho, semiânime, prostrado de fadiga. E cada vez mais a tancareira se enterrava mais. O lodo era uma massa betuminosa, negra, que pegava como visgo, aderira às pernas e formava uma massa compacta. Não podia romper-se para a frente; mas cedia de mais em mais em profundidade.

As guinadas da tancareira confundiam-se com os brutos rumores da tempestade —, iracundo reganho do vento, soprando num propósito de extermínio; rangidos dolorosos de esqueletos de embarcações; marulhar da água, sacudida pelas investidas furiosas da ventaneira!

A dois passos, porém, os rapazes deram pelos apelos de socorro.

Fong-Ngui-Chac, o mais novo, dirigiu-se para ela. Era fácil salvá-la. Bastaria um pequeno auxílio, que lhe chegassem um sarrafo, em que a pobre mulher se apoiasse, para sair do atoleiro. Um pouco mais de demora, e a tancareira submergir-se-ia no lodo. O rapaz pegou num pedaço de remo, e ia a estender-lho, quando de súbito se sentiu impedido pelo outro:

— Que te importas, tu? Acaso essa mulher, e esse cachorro de criança, são pessoas de família? Da nossa família?

Fong-Ngui-Chac largou, sem contestar, da mão o pedaço de remo. E começaram ambos, a dois passos apenas da tancareira — que se debatia nas vascas duma morte afrontosa — a manobra difícil, laboriosa, de salvar o tan-car, mísera embarcação de quatro tábuas...



R U Y S A N T ' É L M O  
L A Ç O S D E F A M Í L I A

As guinadas da tankareira confundiam-se com os  
brutos rumores da tempestade...

32

Apoio:



BANCO DE LETRAS S.A. - B.L.

Patrocinios:

**inapa**